



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2131 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 16 - Educação e Comunicação

A INFÂNCIA E AS TELAS CONTEMPORÂNEAS: REFLEXÕES INICIAIS DA PESQUISA
Érica Rivas Gatto - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A INFÂNCIA E AS TELAS CONTEMPORÂNEAS: REFLEXÕES INICIAIS DA PESQUISA

CPF: 098.082.547-48.

Resumo

No mundo contemporâneo, as relações das crianças com as telas acontecem principalmente através da televisão, do tablet e do celular. Nesse sentido, este artigo propõe-se refletir sobre as relações das crianças com as telas no contexto contemporâneo, com ênfase nas práticas sociais, culturais e de consumo. Nesse contexto, cabem os questionamentos: Quem são as crianças de hoje? Que práticas são percebidas nas relações dessas crianças com as telas? Na tentativa de trazer algumas contribuições que permeiam esse levantamento inicial da pesquisa, o artigo procura destacar considerações sobre as infâncias e as telas no contexto atual, reflexões sobre cultura na atualidade, com o objetivo de pensar a metodologia da pesquisa com crianças sobre esse tema proposto.

Palavras-chave: crianças; telas contemporâneas; imagens; infâncias.

A INFÂNCIA E AS TELAS CONTEMPORÂNEAS: REFLEXÕES INICIAIS DA PESQUISA

CPF: 098.082.547-48.

Este trabalho apresenta reflexões iniciais de uma pesquisa de doutorado sobre as relações das crianças com as telas contemporâneas, destacando considerações sobre as imagens e as telas no contexto atual e sobre os modos pelos quais as crianças podem construir narrativas com as imagens na contemporaneidade.

O interesse em perceber as relações das crianças com o celular ocorreu à medida que observava a curiosidade e intimidade nos usos da minha filha de três anos com os dispositivos. Desta forma, comecei a fazer observações e conversas com crianças de diferentes faixas etárias sobre os usos que faziam dos dispositivos. A ideia desse contato inicial era justamente fazer uma sondagem das possibilidades de estudo do tema.

As crianças, o mundo e as telas

O que é a infância? A pergunta ressoa sem parar. Será que conseguimos levar a interrogação até onde ela consiga, de verdade, fazermo-nos interrogar? Será que nos perguntamos mesmo pela infância? Será que conseguimos interrogarmo-nos sobre nossa relação com a infância, sobre o que somos em relação à infância? Será que algo infantil nos atravessa com a pergunta? (KOHAN 2004)

Ao inventar a infância, a Modernidade cria a idade de ouro de cada indivíduo. Fase em que a vida será perfeita, protegida e tranquila, antes de ser tomada pelas exigências do trabalho. Época ideal de nossas vidas, em que ser criança é não ter qualquer outro compromisso que vá além do gozo puro e simples de sua inocência. (Trecho do documentário A invenção da infância).

A primeira epígrafe traz para a discussão duas noções diferentes de infância, que segundo Walter Kohan (2004) habitam o mesmo espaço, “*uma e outra infância não são excludentes*”. Uma é a majoritária, a da continuidade cronológica, da história, das etapas do desenvolvimento. É a que desde Platão segue um modelo de educar. Segundo o pensamento filosófico educacional ocidental, “(...) educar a infância é importante porque as crianças serão os adultos do amanhã e, portanto, os artífices das futuras sociedades; assim, educar a infância é a melhor e mais sólida maneira de introduzir mudanças e transformações sociais. A infância, entendida em primeira instância como potencialidade é, afinal, a matéria-prima das utopias, dos sonhos políticos dos filósofos e educadores” (Kohan, 2004). De acordo com o autor, “existe também uma outra infância, que habita outra temporalidade, outras linhas, a infância minoritária. Essa é a infância como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação (2004).”

Segundo as já conhecidas discussões do historiador francês Philippe Ariès (1981), na Idade Média não havia um sentimento de infância, pois não se atentava para as especificidades infantis. O autor fala desse sentimento de infância que se refere a esse “gozo puro e simples de sua inocência”, como é abordada no documentário *A invenção da infância*. Assim como o sentimento da infância, a família também não existia como sentimento ou valor. Essa ideia de infância, como hoje é concebida, trata-se de um conceito construído na modernidade pelas duas instituições também modernas, a família e a escola, e que vem sofrendo modificações ao longo do tempo, de acordo com o modo como é vista a condição e situação infantil em contextos diversos (Ariès, 1981; Kramer, 2001). A preocupação com a infância surge no contexto da organização da sociedade burguesa, com a reestruturação do espaço destinado para as crianças. A institucionalização da infância está associada às instituições protagonizadas por esse novo sujeito histórico, à burguesia, principalmente à escola em sua forma moderna, com o intuito de preparar os indivíduos.

O documentário de Lílina Sulzbach citado na epígrafe, *A invenção da infância*, retrata essas muitas infâncias experienciadas por crianças de diferentes contextos do Brasil. A discussão permeia o *ser criança* para aquelas que aparecem ao longo do documentário, relatando as atividades que marcam os seus diferentes cotidianos e as suas diversas formas de caracterizar a infância. As realidades díspares apresentadas não sobrepõem a sensibilidade do olhar das crianças a partir de suas experiências, seja do trabalho infantil como de rotinas desgastantes, ambas trazendo para a reflexão o que seria a infância nesses diferentes contextos, fazendo-nos perceber as muitas infâncias existentes. Tendo como premissa que a infância não é uma categoria natural, ou universal, ou mesmo imutável, como aponta Buckingham (2007, p. 19), o documentário mostra, como afirma o autor, que a “infância é variável – histórica, cultural e socialmente variável.”

Jobim e Souza (2005, p.106) pontua que “a criança já nasce situada numa cultura (...) mesmo antes de nascer, a criança já tem lugar de destaque na sociedade de consumo”. Diante dessas reflexões e questionamentos, as mídias ainda são acusadas de serem as causadoras desses e de outros *males da infância*, quando na realidade as próprias crianças estão imersas nas narrativas midiáticas em suas experiências cotidianas, sendo não apenas consumidores da atualidade, mas produtoras e influenciadoras dos seus pares. Como conclui Buckingham (2007, p. 32): “A tentativa de proteger as crianças restringindo o acesso às mídias está destinada ao fracasso. Ao contrário, precisamos agora prestar muito mais atenção em como preparar as crianças para lidar com essas experiências [...]”.

E quem são as crianças de hoje? Que práticas são percebidas nas relações dessas crianças com as telas? Na tentativa de trazer algumas dessas respostas, a presente pesquisa pretende a partir de narrativas imagéticas produzidas

pelas crianças com a câmera do celular, perceber os olhares e percepções que as crianças possuem sobre o cotidiano e as relações sociais e culturais construídas a partir das telas contemporâneas.

No mundo contemporâneo, as relações das crianças com as telas acontecem principalmente através da televisão, do tablet e do celular. Como destaca a pesquisa publicada em fevereiro de 2017 "*Crescendo entre ecrãs, usos de meios eletrônicos por crianças (3-8 anos)*", "Os ecrãs portáteis intercalam com a Tv, normalmente, depois de as crianças chegarem a casa, ao final do dia, após realizarem os trabalhos de casa e antes de deitar". Nesse sentido, a todo tempo somos interpelados com múltiplas linguagens, novas e outras imagens que nos instigam a novos olhares e novos modos de ler.

Pensando sobre Cultura e diálogos na atualidade

Nos novos tempos midiáticos será que somos determinados pelos mesmos padrões e comportamentos? As crianças, em suas relações com as telas contemporâneas, habitam os mesmos espaços nas redes? Jogam os mesmos jogos e assistem os mesmos vídeos, envoltas em semelhantes modos de ser e viver a infância?

Essas questões nos fazem refletir que assim como Lilibian Sulzbach no documentário destaca que as crianças vivem diferentes infâncias, podemos supor que não vivem a mesma infância nas relações com a mídia. Nesse sentido, partimos do pressuposto que as crianças são atores sociais e produtoras de cultura, compreendendo cultura a partir do que as crianças significam, dão sentido às coisas, como um conceito semiótico, formada pelos significados atribuídos pelos sujeitos, como "(...) uma ciência interpretativa, à procura do significado" (Geertz, 2008, p.4). Dialogando com este conceito, Canclini (2009, p.41) explica que "[...] a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social".

Sobre as mudanças na cultura e assim nas relações dos sujeitos, Lipovetsky e Serroy (2011) complementam os autores e pontuam que "A cultura que caracteriza a época hipermoderna não é mais o conjunto de normas sociais herdadas do passado e da tradição (a cultura no sentido antropológico), nem mesmo o "pequeno mundo" das artes e das letras (a alta cultura); ela se tornou um setor econômico em plena expansão". Desta forma, com base no que dialogam os autores referidos acima, podemos perceber o quão complexo é definir um conceito de cultura, visto que as culturas não são estáticas, estão sendo produzidas, transformadas e ressignificadas a todo instante. Com a mundialização da cultura e a diluição de fronteiras, percebemos que as telas contemporâneas são elementos importantes para entender as relações das crianças com a cultura.

Conversas *on-line* e *off-line* com as crianças – caminhos de construção da pesquisa

Enquanto mãe, professora dos anos iniciais do ensino fundamental e pesquisadora, convivo cotidianamente com crianças de diferentes faixas etárias e as conversas tecidas com elas são fundamentais para as reflexões iniciais deste estudo. Cabe ressaltar que não pretendo relatar de forma biográfica os usos e feitos de minha filha ou outras crianças com os dispositivos, contudo ao partir desses universos tão próximos para pensar de forma ética o lugar que ocupo e o ato de pesquisar com as crianças, configura-se a potencialidade deste trabalho.

A partir do contato inicial com as crianças, possíveis interlocutoras do estudo, bem como com suas narrativas imagéticas (fotografias e vídeos) compartilhadas na rede ou não, podemos dar início às reflexões sobre os usos desses sujeitos nas diversas telas contemporâneas, assim como perceber de que forma as práticas midiáticas influenciam nas relações sociais, culturais e de consumo dessas crianças.

O levantamento dos potenciais sujeitos da pesquisa teve seu início a partir de uma conversa com as mães de outras crianças em um grupo de whatsapp. Indaguei se as crianças costumavam ter acesso aos celulares da família e quais os usos praticados com os mesmos dispositivos. Prontamente responderam, a meu ver com um perceptível receio de possíveis julgamentos, que as crianças faziam uso de forma esporádica para assistir vídeos, principalmente no youtube, jogar e /ou brincar em aplicativos específicos para crianças (Playkids, "Gatinha" e Moy) e também utilizavam a câmera para fazer fotos e vídeos. Durante esses relatos das mães das crianças que convivem diariamente com a minha filha na pré-escola, percebi a recorrência, neste grupo de crianças a priori, de um uso específico do celular e / ou tablet, a utilização da câmera para a produção de imagens.

Como parte da metodologia da pesquisa pretendo realizar observações das imagens produzidas pelas crianças (compartilhadas na rede ou não) com o uso de celulares e conversas *on-line* e *off-line* (As conversas chamadas de *off-line* são realizadas através de encontros presenciais) com as crianças interlocutoras da pesquisa, sobre as narrativas imagéticas produzidas por elas e compartilhadas em redes sociais como o instagram, musically e no aplicativo de conversa, whatsapp. Através de uma pesquisa qualitativa, busca-se perceber as relações sociais e culturais nas diferentes telas e como as crianças narram com imagens nesses dispositivos.

Durante sondagens iniciais com algumas crianças, observou-se a necessidade de ampliar a faixa etária. Desta forma foram realizadas conversas *on-line*, através do aplicativo de conversa *WhatsApp* e *off-line* com algumas crianças

(entre 7 e 12 anos) e simultaneamente observações em suas postagens (com fotos e/ou vídeos) em redes sociais.

Os contatos iniciais com as crianças menores e com as crianças maiores foram possibilitados com o interesse dos pais pela temática do estudo. Em ambos os grupos, as conversas iniciais foram mediadas e/ou assistidas pelas mães das crianças. No caso das crianças menores, os materiais (fotografias e vídeos produzidos pelas crianças) foram enviados pelos pais através do aplicativo WhatsApp. Em relação às crianças maiores, tanto nas conversas *on-line* ou *off-line*, o destaque ficou para a minha posição de pesquisadora-aprendente. Além de conhecer e aprender funcionalidades de aplicativos que desconhecia, identifiquei novos termos da cultura digital, assim como práticas de consumo dessas crianças relacionadas ao universo dos youtubers.

No contexto contemporâneo, a experiência da criança no consumo ou na mídia, fornece pistas sobre a influência das mesmas nas decisões, principalmente de compra, no lar atual. David Buckingham (2012) nos ajuda a pensar sobre essa questão com as seguintes indagações “*As crianças são consumidores ativos ou passivos? Elas são versadas no assunto ou inocentes, competentes ou incompetentes, poderosas ou impotentes?*” Canclini (2008, p.32) dialoga com Buckingham (2012) sobre esse ponto e nos traz considerações para pensarmos a respeito, afirmando que “os consumidores não são vítimas passivas desses monopólios, mas a diminuição na pluralidade de ofertas nos torna cada vez mais inermes em muitas frentes”. No entanto ainda são necessárias algumas questões para reflexão: podemos ainda considerar que as crianças são sujeitos indefesos na relação com o consumo? As relações das crianças com o consumo foram modificadas a partir de suas novas práticas com as telas contemporâneas? Como ocorrem as relações das crianças com o consumo no contexto atual?

O impasse das noções sobre a *criança-consumidora* giram entorno da criança como vítima inocente ou como ator social competente e ainda perpassam as questões sobre consumo e infância em estudos atuais, embora vários estudiosos já tenham discutido essa ideia. É importante ressaltar, como pontua Buckingham (2012, p. 60) “o fato de que as crianças cada vez mais são abordadas e engajadas como participantes “ativos” não significa necessariamente que ela tenha mais atuação ou poder”.

Considerações finais

“A infância não é apenas uma questão cronológica: a infância é uma condição da experiência (KOHAN,2004)”. A verdade sobre a infância não está no que se fala das crianças e nos saberes que acredita-se ter sobre elas (LARROSA, 1998), mas as próprias falas das crianças trazem pistas para compreendermos como concebem a infância.

Ao realizar pesquisa com um olhar político sobre o outro e como abordagem teórico-metodológica do caminhar da investigação escolher a criança como uma interlocutora no estudo, significa pensar em uma pesquisa com crianças exercitando a escuta. Segundo Giradello (2018) “Escutar a criança é dar-lhe tempo para divagar, devanear, buscar a palavra certa, tatear suas lembranças, brincar com as imagens mentais, que são matéria-prima das histórias (...)”.

Diante dessas reflexões e ainda iniciando o processo de pesquisa, cabe destacar o quão importante é pensar a infância no contexto contemporâneo. Como as crianças estabelecem relações sociais e culturais nas/ com as diferentes telas? Como os usos e criações desses sujeitos, implicam na produção e transformação da relação com o conhecimento? As práticas cotidianas dessas crianças são atravessadas pelo espetáculo? Como as práticas relacionadas ao universo das telas contemporâneas influenciam nas práticas sociais, culturais e nas relações de consumo dessas crianças?

Em relação ao lugar social que as crianças ocupam na cibercultura, Ribes (2014) sinaliza que “esse lugar vem se mostrando um tanto paradoxal: por vezes se atribui às crianças uma quase inata *expertise*; por outras, as supomos frágeis e desprotegidas”. Nos novos modos de vida contemporâneo, os sujeitos estão mais interativos e compartilham mais suas experiências, principalmente com as imagens. Segundo Pretto (2008, p.79) “A cultura digital é um espaço aberto de vivência dessas novas formas de relação social no espaço planetário”. Nesse sentido é importante refletir sobre como essas mudanças socioculturais afetam a educação dentro e fora da escola e no caso específico desta pesquisa, observar os usos que as crianças fazem nesses dispositivos e como constroem narrativas imagéticas.

Essas e outras questões provocam o ato político de pesquisar com crianças. Para pesquisar, Jobim e Souza (2012) afirma que “(...) é preciso ainda que o saber que a pesquisa mobiliza não seja inteiro nem derradeiro. A pesquisa serve para abrir caminhos a explorar, caminhos que podem mudar a imagem do mundo”.

Nessa perspectiva, as imagens produzidas e compartilhadas pelas crianças são representações de como interpretam o mundo e constroem suas subjetividades. Dessa forma, considerando os atuais modos de vida, é necessário pensar na formação das crianças a partir dos usos /relações com os dispositivos móveis, principalmente os celulares, e como tecem suas narrativas com imagens nas telas contemporâneas, tornando-se autoras de suas próprias histórias.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família* 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BUCKINGHAM, David. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. Tradução Gilka Girardello e Isabel Orofino. São Paulo: Loyola, 2007. 92

_____. *Repensando a criança consumidora: Novas práticas, novos paradigmas*. In: Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo: ano 9 vol.9 n.2 5 p. 43-72 ago.2012.

CANCLINI, Néstor García. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CASTRO, T., Ponte, C., Jorge, A., & Batista, S. (2017). Crescendo entre ecrãs: competências digitais de crianças de três a oito anos. *CECS - Publicações / Ebooks 0(0)*, 144-157. Disponível em:

http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2671/2579

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIRARDELLO, Gilka. Crianças inventando o mundo e a si mesmas: ideias para pensar a autoria narrativa infantil. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v.14, n.29, jan.-abr.2018.

JOBIM E SOUZA, Solange. A infância como crítica da cultura. In: _____ (Org.). *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

KOHAN, Walter Omar (org.) *Lugares da infância: filosofia*. DP&A, 2004.

KRAMER, Sonia. _____. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 135-146, 2001.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância, ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: _____. Tradução Alfredo Veiga-Neto. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando, 1998. p. 183-198.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. *A cultura-mundo, resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PEREIRA, R. M. RIBES. . Entre o (en)canto e o silêncio das sereias: sobre o (não)lugar da criança na cibercultura. *Childhood & Philosophy*, v. 9, p. 319-344, 2014.

PRETTO, N. Cultura digital e educação: redes já. In: PRETTO, N.; SILVEIRA, S. (orgs) *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 75-85. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/22qtc>> Acesso em 20 de agosto de 2016.

